



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS – VI POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

DANIELE LIMA DOS ANJOS

**MULHER E SOLIDÃO:
A REPRESENTAÇÃO DA SOLTEIRONA EM DOIS CONTOS
BRASILEIROS**

**MONTEIRO-PB
2021**

DANIELE LIMA DOS ANJOS

**MULHER E SOLIDÃO:
A REPRESENTAÇÃO DA SOLTEIRONA EM DOIS CONTOS
BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

**MONTEIRO-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A543m Anjos, Daniele Lima dos.
Mulher e solidão [manuscrito] : a representação da solteirona em dois contos brasileiros / Daniele Lima dos Anjos. - 2021.
31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Solteirona. 2. Solidão. 3. mulher solteira. I. Título

21. ed. CDD 801.95

MULHER E SOLIDÃO: A REPRESENTAÇÃO DA SOLTEIRONA EM DOIS CONTOS
BRASILEIROS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Aprovada em: 01/06/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Patrício de Albuquerque Vieira
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)



Profa. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe Edna Maria e a minha mãe/avó
Maria das Montanhas (*in memoriam*) pela
força, coragem, inspiração e amor.

AUSÊNCIA

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus
braços,

que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência, essa ausência assimilada,

ninguém a rouba mais de mim

Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me proporcionar o maior presente que alguém pode ter, a vida e por estar ao meu lado, independente das situações sendo o meu guia e também meu porto seguro.

Depois Dele, sou imensamente grata às duas mulheres da minha vida: minha mãe, Edna Maria e a minha mãe/avó Maria das Montanhas (*in memoriam*), que com amor e dedicação, sempre fizeram o possível e o impossível para me criar, me preparando para vida com honestidade e humildade. Elas são uma inspiração pra mim.

Agradeço ao meu avó José Amador (*in memoriam*), ao meu padrasto Edmilson Araújo (*in memoriam*) que não estão mais entre nós, mas, enquanto estavam vivos, do jeito deles, sempre me amaram e apoiaram, principalmente, em relação aos meus estudos. E foram as únicas referências paternas que tive.

Ao meu irmão Givanildo Sales, minha comadre/cunhada Quitéria Marinho, pelos conselhos, risadas, companheirismo e por me darem meus dois sobrinhos: Vinícius Sales e recentemente Maria Heloísa, a quem tive a honra e o prazer de ser novamente tia e também madrinha dessa criança linda que com seu nascimento, nos trouxe alegria num momento triste em que estávamos passando.

Às minhas tias do coração Claudineide Teixeira, Rosemary Almeida, que mesmo não possuindo laços de sangue, sempre estiveram ao meu lado, me incentivando com conselhos e até puxões de orelha nas mais diversas situações.

Aos meus amigos virtuais Luiza Scheidt, Regiany Mel, Stephanie Beatriz e Ryan Donnyel, sou grata pela amizade, cumplicidade e boas risadas de sempre. Mesmo estando longe, sempre me incentivaram a nunca desistir dos meus sonhos e a encarar a vida com leveza.

Aos meus amigos Jadla Manuela, Maria Leonária, Ivanilson Carlos, pela amizade e cumplicidade ao longo do curso, com eles vivi momentos incríveis. São amizades que transcendem os muros da universidade.

Ao meu orientador Marcelo Medeiros da Silva, pelo incentivo a leitura de textos literários, pela dedicação, cobrança e paciência que teve comigo durante a elaboração deste trabalho.

A esta universidade, seu corpo docente, direção, administração e demais funcionários, por todo empenho e dedicação com os alunos e por me proporcionarem grandes momentos de aprendizado e preparação para a vida. A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação acadêmica, o meu muito obrigada.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
2. Mulher e solidão: pressupostos teóricos.....	8
3. Mulher e solidão em Miss Algrave, de Clarice Lispector, e em A moça tecelã, de Marina Colasanti.....	11
3.1 Miss Algrave: (in)felicidade da solteirona.....	11
3.2 A moça tecelã: a aprendiz de ser solitária.....	18
4. A solidão nem é fera nem devora: considerações finais.....	22
REFERÊNCIAS.....	25

MULHER E SOLIDÃO: A REPRESENTAÇÃO EM DOIS CONTOS BRASILEIROS

Daniele Lima dos Anjos¹

RESUMO

Este trabalho busca analisar de que maneira é representada a mulher solteira e a solidão nos contos “Miss Algrave”, de Clarice Lispector, e “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. Interessa-nos refletir acerca da relação entre mulher e solidão em narrativas de autoria feminina. Mais especificamente, procuramos responder às seguintes perguntas: o que as personagens solteiras e solitárias podem nos dizer acerca do lugar social da mulher solteira e dos valores sociais atribuídos à solidão feminina em sociedades patriarcais como a nossa? O que liga mulher e solidão nas narrativas “Miss Algrave”, de Clarice Lispector, e “A moça tecelã”, de Marina Colasanti? Para tentar responder a essas questões, esse trabalho está baseado nas orientações de Maia (2011), Amorim (1992), Dolto (1998), entre outros. Com a presente pesquisa, objetivamos investigar os valores que são atribuídos à mulher solteira e à solidão feminina nas narrativas que constituem o nosso *corpus* e, ao mesmo tempo, contribuir para uma reflexão acerca das imagens da mulher solteira na literatura brasileira bem como para os estudos acerca da solidão a partir de textos literários. Dentre as conclusões alcançadas durante as análises, vimos que as personagens principais dos contos citados acima vivenciaram a mesma experiência de confronto com a solidão, porém isso ocorreu de maneira distinta: para Miss Algrave, a solidão era ameaçadora e, ao confrontar-se com ela, esse sentimento tornou-se libertador; já para a Moça tecelã, a solidão era essencial para seu fazer criativo e, uma vez tendo preenchido a sua solidão a partir do casamento, ela sentiu falta dela e precisou voltar-se para a vida solitária de antes.

Palavras-Chave: Mulher. Solteirona. Solidão.

RESUMEN

Este trabajo busca analizar cómo la mujer soltera y la soledad están representadas en los cuentos “*Miss Algrave*”, de Clarice Lispector, y “*A Menina Tecelã*”, de Marina Colasanti. Nos interesa reflexionar sobre la relación entre las mujeres y la soledad en las narrativas de autorías femeninas. En específico, buscamos presentar respuesta a las siguientes preguntas: ¿qué nos pueden decir los personajes solteros y solitarios sobre el lugar social de la mujer soltera y los valores sociales atribuidos a la soledad femenina en sociedades patriarcales como la nuestra? Y después, ¿lo que une a la mujer y la soledad en las narraciones “*Miss Algrave*”, de Clarice Lispector, y “*A Menina Tecelã*”, de Marina Colasanti? Para intentar alcanzar las respuestas deseadas, basamos este trabajo en las orientaciones de Maia (2011), Amorim (1992), Dolto (1998), entre otros. Con esta investigación, buscamos investigar los valores que son atribuido a la mujer soltera y la soledad femenina en las narrativas que constituyen nuestro corpus y, al mismo tiempo, contribuir para una reflexión sobre las imágenes de la mujer soltera en la literatura brasileña, así como para los estudios sobre la soledad a partir de

1 Graduanda em Letras - Língua Portuguesa pelo Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: dannilima039@gmail.com.

textos literarios. De este modo, entre las conclusiones que se llegó durante los análisis, vimos que los protagonistas de los cuentos antes mencionados vivieron la misma experiencia de afrontar la soledad, pero esto ocurrió de otra manera: para la “Miss Algrave”, la soledad era amenazante y, al enfrentarse a ella, este sentimiento se volvió liberador; ya para la joven tejedora, la soledad era fundamental para su trabajo creativo y, una vez colmada su soledad con su matrimonio, la echaba de menos y tuvo que volver a la vida solitaria de antes.

Palabras-clave: Mujer. Solterona. Soledad.

Introdução

A mulher sempre foi oprimida pela sociedade porque, sobre ela, é inculcada a ideia de submissão em vários aspectos de sua vida e as mulheres que transgridem esse ideal sofrem ainda mais opressão e são estigmatizadas. Com o passar dos anos, essas mulheres que conseguiram transgredir, contribuíram para que outras também pudessem lutar por seus direitos. Mesmo com as inúmeras conquistas, essa situação ainda é evidente nos dias de hoje, tanto em suas vidas pessoais, profissionais, quanto no momento em que se expressam através da arte, como pintura ou literatura.

Na sociedade patriarcal, a opressão acentua-se, talvez, mais ainda no caso da mulher solteira, visto que esta é, dentro da lógica patriarcal, aquela que falhou com o projeto que o patriarcado traçou para todas as mulheres: casar-se e ter filhos, sobretudo do sexo masculino deixando de gerar mão de obra. Porém, como pontua Maia (2011), nem todas as mulheres desejam ser esposas e mães. Muitas preferem seguir o caminho religioso, guardando o corpo para o divino. Outras optam por construir uma carreira profissional. Algumas se dedicam a trabalhos sociais de caridade e, algumas outras, em sendo solteiras, tornam-se dependentes de suas famílias.

Ainda que não sejam dependentes de suas famílias, mulheres solteiras, mesmo bem sucedidas financeiramente e profissionalmente, não são bem vistas e sobre elas pairam termos e imagens pejorativas, como o epíteto de “solteirona”, “titia”, “vitalina”. Tal preconceito contra a mulher solteira pode ser uma reação ao fato de ela desestabilizar a ordem patriarcal, uma vez que muitas delas conseguem viver sem a necessidade de um marido ou parente que lhe sirva de arrimo. Por esta razão, as mulheres solteiras são consideradas egoístas, sem amor, anormais, invejosas, amargas, infelizes.

Existem alguns estudos que nos ajudam a entender a situação da mulher solteira em nossa sociedade patriarcal. A grande maioria desses trabalhos foi desenvolvida no âmbito antropológico como os de Amorim (1992) e Maia (2011), que realizaram suas pesquisas a partir de recorte de jornais, documentos dos séculos XIX e XX e também de depoimentos com algumas mulheres que expuseram sobre a condição de solteira. Temos alguns outros artigos que possuem como *corpus* as revistas femininas e há outros que focam na mulher solteira na contemporaneidade, como o de Gonçalves (2009). Porém, existem muitos poucos trabalhos voltados para a investigação da representatividade da mulher-solteira na literatura.

Considerando-se, pois, esse vazio, este trabalho busca estudar a representação de tais personagens solteiras e solitárias, através das protagonistas: Tecelã e Ruth Algrave dos contos

“A moça tecelã”, de Marina Colasanti e “Miss Algrave” de Clarice Lispector. Em linhas gerais, interessa-nos refletir acerca da relação entre mulher e solidão em narrativas de autoria feminina. Mais especificamente, procuraremos responder às seguintes perguntas: o que as personagens solteiras e solitárias podem nos dizer acerca do lugar social da mulher solteira e dos valores sociais atribuídos à solidão feminina em sociedades patriarcais? O que relaciona mulher e solidão nas narrativas “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, e “Miss Algrave”, de Clarice Lispector?

Para tentar responder a essas questões, este trabalho está baseado nas orientações de Maia (2011), Amorim (1992), Dolto (1998), entre outros. Com o presente trabalho, objetivamos investigar os valores que são atribuídos à mulher solteira e à solidão feminina nas narrativas que constituem o nosso *corpus* e, ao mesmo tempo, contribuir para uma reflexão acerca das imagens da mulher solteira na literatura brasileira bem como para os estudos acerca da solidão a partir da literatura.

2. Mulher e solidão: pressupostos teóricos

Ao longo da história, vemos que nas sociedades patriarcais a figura masculina sempre oprimiu a figura feminina em diversos aspectos. Por muito tempo, as mulheres eram proibidas de expressar seus desejos, principalmente os sexuais. Perrot (2007) diz que: “Preservar, proteger a virgindade da jovem solteira é uma obsessão” (PERROT, 2007, p. 45). Essa proteção exagerada sofrida pela mulher tinha forte impacto em sua vida, pois, como tinha sua virgindade conservada para que tivesse um bom casamento com um marido escolhido pelo pai, não era feliz com a nova vida que lhe seria imposta. As mulheres que não aceitavam passar por isso e iniciavam a vida sexual antes do matrimônio eram mutiladas e vistas como depravadas pela sociedade.

Diante dessa obsessão pela virgindade, muitos foram os discursos que exaltavam a maternidade e o casamento como destino para mulheres, reiterando que ser mãe e ser esposa ainda são atributos femininos. Acerca do casamento, Perrot (2007) afirma que:

O casamento, "arranjado" pelas famílias e atendendo a seus interesses, pretende ser aliança antes de ser amor — desejável, mas não indispensável. Os pais desconfiam da paixão, destruidora, passageira, contrária às boas relações, às uniões duráveis que fundam as famílias estáveis (PERROT, 2007, p. 46) (Grifo do autor).

Para os pais das jovens solteiras, não era interessante que seus futuros maridos as amassem e, sim, o que aquele casamento traria de lucrativo para a família, através da troca da filha por bens materiais.

Ao se casarem, as mulheres se tornam dependentes de seus cônjuges em todos os sentidos. Com o casamento, surge mais uma cobrança, a maternidade, pois é esperado que a mulher tenha filhos principalmente do sexo masculino. A valorização do filho homem se dava por vários motivos como: o fato deles servirem de mão de obra para a sociedade seguindo a profissão de seu pai, serem vistos como provedores da família, não demandarem muitos gastos e também ter um primogênito homem trazia orgulho para a família. Diante disso, muitas mulheres engravidavam várias vezes até conseguir filhos homens. Como a maioria desses matrimônios eram “arranjados”, esse processo de engravidar para algumas mulheres era um martírio, já que não existia amor entre os casais. Até porque o ideário do amor como motor dos relacionamentos é uma invenção burguesa. Logo, a mulher era vista como um objeto que deveria ser duplamente lucrativo: primeiro, casando-se com quem pudesse ampliar a fortuna familiar; segundo, garantindo ao marido uma prole. Nesse último caso, a maternidade era vista sempre como algo positivo e a infertilidade como negativo como podemos observar na fala de Perrot (2007):

Como a função materna é um pilar da sociedade e da força dos Estados, torna-se um fato social. A política investe no corpo da mãe e faz do controle da natalidade uma questão em evidência. O primeiro problema é o da concepção: ter ou não ter a criança. Conceber ou não. A mensagem do anjo Gabriel é válida para todas as mulheres que passam, todas ou quase todas, pela anunciação, desejada ou temida, da maternidade próxima. O que era uma fatalidade tornou-se uma escolha. E uma escolha das mulheres, também: o que constitui uma revolução (PERROT, 2007, p. 69).

Por ser bem vista pela sociedade, a maternidade não envolvia somente a progenitora, mas, também, as pessoas que a rodeavam. Com isso, havia um incentivo e um investimento para que a mulher assim que se casasse, tivesse filhos. Porém, nem todas nasceram predestinadas a serem mães, felizmente com o passar dos anos, a maternidade, assim como o casamento passou a ser uma escolha, o que configura um grande passo na vida das mulheres que antes tinham todos seus direitos reprimidos e negados pela sociedade.

Segundo Maia (2011), ao mesmo tempo em que procura encarcerar a mulheres no casamento e na maternidade, reiterando que as que conseguem casar e ser mães são o modelo de mulheres felizes, realizadas, a sociedade patriarcal precisa lidar com as mulheres que, por inúmeras razões, fogem desse destino. Logo, a mulher solteira acaba sendo “uma pedra no meio do caminho” do sistema patriarcal. Por isso, essa mulher é vista como celibatária ou, em uma perspectiva mais acentuadamente negativa, tida como solteirona. Consequentemente, como ser solteira foge ao modelo apregoado para as mulheres, a mulher que é solteira não

pode ser representada como feliz, realizada, bem sucedida. Assim, os estereótipos em torno de tal mulher apresentam-na como infeliz e inferiorizada e atuam pedagogicamente ao reiterarem que as mulheres não podem e não devem ter para si o destino de uma solteirona. Isso cria, portanto, uma aversão à solidão, de maneira que faz com que muitas mulheres procurem a todo custo entrar na ordem do discurso vigente que diz serem o casamento e a maternidade o destino das mulheres e, uma vez dentro de tal ordem, ainda que não se identificando com ela, muitas preferam manter o casamento a separarem-se do marido e, em alguns casos, da opressão e da violência em que vivem.

Assim, a maioria dos discursos que circulam em torno da mulher solteira, de certa forma, tenta diminuir o direito de escolher entre o matrimônio e a maternidade e a vida solitária. Essa condenação da mulher solteira se dá porque “As celibatárias são, portanto, subversivas de regras naturais e sociais” (MAIA, 2011 p. 217). Por subverterem tais regras, são marginalizadas pela sociedade patriarcal. Por estarem à margem da sociedade, sofrem vários tipos de preconceitos em diversos âmbitos sociais de maneira direta ou indiretamente por meio de apelidos maldosos ou sendo submetidas a situações constrangedoras. Além da família ser um grande incentivador da marginalização da solteira, a mídia também influencia nesse processo.

De acordo com Amorim (1992), do ponto de vista histórico, a categoria “solteira” pode ser incluída nos conjuntos de seres que não cumpriram as expectativas da sociedade:

Do ponto de vista da história – da História da família, da História da mulher – a categoria “solteira” pode ser incluída no conjunto de seres, que não preenchendo as expectativas da sociedade no que tange ao “pleno destino feminino”, ou seja, o casamento, a imputação de todo um conjunto de atributos depreciativos que culminam na impossibilidade de uma “aceitação social plena” e configuram a situação do estigmatizado (AMORIM, 1992, p. 33-34).

Por isso, não são aceitas socialmente e são estigmatizadas. Isso mostra o quanto nossa sociedade se assenta na ideia de que o casamento heterossexual é o destino dos sujeitos, já que parece que o fim da existência é a reprodução.

A valorização social do matrimônio dá-se em virtude de, por muito tempo, ele ter sido a porta de entrada para a ascensão, já que muitos casamentos eram guiados por interesses financeiros e não simplesmente por interesses do coração. Casar-se era, pois, mudar de *status*, passando de um nível social inferior para outro mais elevado ou, em alguns casos, garantir que não houvesse a queda do *status* elevado em que se estava. Em um ou em outro caso, a mulher era objetificada e vista como uma espécie de moeda de troca. Dito de outra forma, o corpo feminino era o lugar por onde circulavam os bens de família. Logo, o corpo da mulher

solteira era pouco produtivo, ou melhor, pouco lucrativo, já que ele não propiciou a união de fortuna e não gerou filhos.

Por não ter um parceiro sexual fixo, a mulher solteira é vista como carente e “coitadinha”. Se esta mulher toma a iniciativa de chegar-se a algum homem, ele se sente com a sua masculinidade abalada porque a iniciativa não partiu dele. Conforme Amorim (1992), na ordem da carência sexual, é que se insere o elemento que fortalece a solteirice como estigma, porque a celibatária é, no discurso da ideologia do casamento, duplamente carente. A solteira é vista como excessivamente carente porque ela não tem uma figura masculina para lhe amparar financeiramente e emocionalmente

Nossa sociedade é machista e valoriza o poder e o controle do homem sobre a mulher. Tanto que muitos homens se sentem feridos e afrontados ao serem abordados por mulheres independentes, principalmente quando a abordagem se refere a relacionamentos. Para Amorim (1992), a nossa cultura consagrou desde o princípio de que cabe à mulher, independentemente de seus sentimentos, emoções, a conduta da espera e da sublimaridade dos próprios desejos, da própria sexualidade. Logo, a mulher solteira deve, dentro da lógica patriarcal, estar encarcerada em sua própria solidão, como se esta fosse um castigo por aquela ter transgredido com o papel social que lhe fora destinado desde sempre e ter recusado, ou não lhe ter sido possível ter, a vida de esposa e de mãe.

3. Mulher e solidão em Miss Algrave, de Clarice Lispector, e em A moça tecelã, de Marina Colasanti

Nesta seção, apresentaremos a análise de dados do nosso trabalho. Nela veremos três momentos de análise, no primeiro, intitulado “Miss Algrave: (in)felicidade da solteirona” iremos analisar o conto “Miss Algrave” da autora Clarice Lispector a fim de apresentar de que maneira é abordada a solidão, a mulher solteira e outras possíveis temáticas que poderão surgir ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

No segundo momento, denominado “A moça tecelã: a aprendiz de ser solitária” nos dedicaremos a analisar a narrativa “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, seguindo a mesma perspectiva que é refletir sobre como a mulher solteira e a solidão são apresentadas nesse outro conto. Já no terceiro momento, iremos comparar os dois contos com o propósito de verificar as semelhanças e distinções entre eles relacionadas à temática, para depois apresentar as possíveis conclusões que possam surgir com a comparação.

3.1 Miss Algrave: (in)felicidade da solteirona

O livro “A via crucis do corpo” é de autoria de Clarice Lispector e foi publicado em 1974. Nele estão reunidos treze contos que são precedidos por uma explicação da própria Clarice. A escritora, diz que as histórias presentes nessa obra foram encomendadas e escritas por impulso. Ela tentou assiná-la com o pseudônimo de Cláudio Lemos porque a temática central de “A via crucis do corpo” é o erotismo, tema que na época não era muito aceito por abordar assuntos relacionados à sexualidade e, nesse período, era visto como uma afronta à sociedade e um tabu. Mesmo assim, acabou cedendo ao argumento de que todo escritor tem a liberdade de escrever o que quiser. Os contos presentes nessa coletânea são protagonizados por mulheres e abordam, além do erótico, outras diversas temáticas relacionadas ao universo feminino. A narrativa que abre o livro é “Miss Algrave” que conta a história de uma mulher solteira, solitária e datilógrafa chamada Ruth Algrave, que mora na cidade de Londres:

[...] era datilógrafa perfeita. Seu chefe nunca olhava para ela e tratava-a felizmente com respeito, chamava-a de Miss Algrave. Seu primeiro nome era Ruth. E descendia de irlandeses. Era ruiva, usava os cabelos enrolados na nuca em coque severo. Tinha muitas sardas e pele tão clara e fina que parecia uma seda branca. Os cílios também eram ruivos. Era uma mulher bonita. Orgulhava-se muito de seu físico: cheia de corpo e alta (LISPECTOR, 1974, p.16).

Ela era conservadora, reprimida e tinha excesso de pudor. Sua ocupação, além do trabalho, era participar de um coral e escrever cartas protesto para tudo o que considerava errado e imoral. A narrativa em sua maioria é escrita em terceira pessoa, com a inserção de pensamentos da personagem e também do diálogo com seu amante que aparecerá ao longo da história.

No início do conto, o narrador nos diz, sem dar muitos detalhes, sobre algo que aconteceu com Ruth no sábado: “Ela era sujeita a julgamento. Por isso não contou a ninguém. Se contasse, não acreditariam porque não acreditavam na realidade [...] Seu dia sexta-feira, fora igual aos outros. Só aconteceu no sábado de noite” (LISPECTOR, 1974, p. 15). Só ficamos sabendo do ocorrido no decorrer da narrativa. Um dia antes do tal acontecimento até então misterioso, Miss Algrave teve pensamentos considerados por ela como impróprios. A jovem recordou-se da sua infância:

Seu dia, sexta-feira, fora igual aos outros. Só aconteceu sábado de noite. Mas na sexta fez tudo igual como sempre. Embora a atormentasse uma lembrança horrível: quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com seu primo Jack, na cama grande da vovó. E ambos faziam tudo para ter filhinhos sem conseguir. Nunca mais vira Jack nem queria vê-lo. Se era culpada, ele também o era (LISPECTOR, 1974, p. 15).

Ao analisar esse trecho, podemos perceber que Jack foi a primeira pessoa com que ela teve um contato mais íntimo. Ruth vem de família religiosa, seu pai era pastor, por isso, os dois primos não podiam ser vistos praticando esse tipo de brincadeira. Por esta ser uma relação proibida, causou-lhe vários sentimentos, como o de frustração pelo fato de eles não conseguirem ter filhinhos já que eram crianças ocasionando também o sentimento de culpa e repulsa como ela mesma diz. Esse episódio com o primo pode ser visto como o fator principal que impulsionou na sua repressão e aversão de qualquer ato afetuoso que ocorra ao seu redor.

De acordo com Chauí (1984), a repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, valores, normas e regras estabelecidos pela sociedade para controlar a sexualidade, principalmente das mulheres. Nessa passagem do conto citada acima, podemos analisar a relação entre Ruth e seu primo também como uma relação incestuosa e, mesmo não ficando claro que eles tivessem realizado o ato sexual, o narrador diz que eles tentaram ter filhos tornando essa informação implícita. Como a personagem vem de família religiosa, provavelmente, seus pais a repreenderam de maneira equivocada, fazendo com que ela crescesse com pensamentos conservadores e não explorasse sua sexualidade.

É evidente em quase toda a narrativa que Ruth era também uma pessoa solitária e esse sentimento de solidão vivido por ela era muito forte. Sua solidão era consequência da repressão. Tudo para ela era visto como indecente, imoral e com isso ela se privava de certos prazeres, de ir a lugares como podemos notar na passagem abaixo:

Quando passava pelo *Picadilly Circle*² e via as mulheres esperando homens nas esquinas, só faltava vomitar. Ainda mais por dinheiro! Era demais para se suportar. E aquela estátua de Eros, ali, indecente. [...] E nunca entrara num “pub”: nauseava-a o cheiro de álcool, quando passava por um. Sentia-se ofendida pela humanidade (LISPECTOR, 1974, p. 16) (Grifo nosso).

Talvez Ruth Algrave quisesse usufruir desses lugares citados na narrativa, mas, por conta da sua personalidade conservadora, solidão e de sua repressão, ela não se permitia frequentar esses ambientes por medo de julgamentos que, na maioria das vezes, ela própria fazia. Chauí (1984) afirma em seu estudo sobre repressão e sexualidade que de tanto a sociedade controlar nossos desejos, principalmente os carnais, desenvolvemos a autorepressão. Sem percebermos, acabamos nos privando e nos reprimindo de tudo o que não condiz com as regras sociais: “Nossos sentimentos poderão ser disfarçados, ocultados ou

² *Picadilly circle* é um dos pontos turísticos da cidade de Londres. A praça fica localizada no centro e dá acesso aos principais bairros, bares e restaurantes mais frequentados da região. Vários turistas a visitam também por conta da estátua de um Deus grego que muitas pessoas acreditam que represente Eros já outras, acham que o monumento represente seu irmão Anteros devido a semelhanças entre os dois. Por isso, esse local é considerado um lugar romântico para realizar encontros amorosos.

dissimulados desde que percebidos ou sentidos como incompatíveis com as normas, os valores e as regras de nossa sociedade” (CHAUI, 1984 p. 14). O autojulgamento era uma das maneiras em que a personagem encontrava para tentar disfarçar sua sexualidade reprimida e também a sua própria solidão.

No sábado específico, o dia que o narrador havia mencionado no início da narrativa, como sendo o dia que aconteceu algo com Miss Algrave, a personagem seguiu com a sua rotina normalmente. Como não tinha trabalho, acordou cedo, rezou e saiu para o ensaio do coral de que participava. Durante todo o dia, percebemos que Ruth apresentava pequenas mudanças no seu comportamento conservador. No horário de almoço, se permitiu comer um prato diferente do que estava habituada e, ao chegar ao parque, não leu nenhuma passagem da bíblia como sempre fazia, apenas ficou sentada na grama aproveitando o sol.

Logo após tomar sol no parque, Ruth decidiu ir visitar sua amiga: “Então visitou Mrs. Cabot que tinha noventa e sete anos. Levou-lhe um pedaço de bolo com passas e tomaram chá. Miss Algrave sentia-se muito feliz, embora... Bem, embora” (LISPECTOR, 1974 p. 17-18). Nesse trecho, percebemos que ela estava feliz, mas algo em seu interior lhe avisava que mudanças estavam prestes a acontecer, como uma espécie de pressentimento. Talvez a lembrança que ela havia tido no dia anterior sobre o primo ainda era recorrente em sua mente e contribuiu para que ela se sentisse assim. Ao longo da narrativa, observamos que vão surgindo outras pequenas peculiaridades como nesta passagem: “Era maio. As cortinas se balançavam à brisa dessa noite tão singular. Singular por quê? Não sabia. Era noite de lua cheia.” (LISPECTOR, 1974 p. 18). Mais um elemento contribuía para deixar esse sábado ainda mais emblemático e mágico: a lua cheia.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009), a lua é um símbolo dos ritmos biológicos, é o astro que, assim como os homens, passa por etapas sendo, assim, reconhecida como simbologia maior dos ciclos da vida. Além dessa representação, ela também pode ser associada ao inconsciente, psiquismo, sonhos e tudo o que é transitório e reflexivo. Ao relacionar estas simbologias com o conto, percebemos que, assim como a lua, a personagem, a partir dessa noite de sábado, passará por mudanças que já vinham sendo gestadas em seu inconsciente e manifestadas durante a narrativa como no momento em que Ruth, minutos antes de sua transformação, questiona sua atual maneira de viver e sua solidão.

Durante a narrativa, percebemos que há uma oscilação no modo como a personagem é nomeada, em um primeiro momento, ela nos é apresentada como Miss Algrave depois com o desenrolar da história, já quando ela está refletindo sobre sua solidão é que é nomeada como

Ruth Algrave. O nome Ruth vem do nome em hebraico Rute³ que deriva do termo *Re'ut*, que quer dizer amiga, companheira ou até mesmo compaixão. Esse nome também se refere a uma moabita que tem sua história narrada na Bíblia por ter se casado com um israelita, ignorando um mandamento da época. Ao relacionar a personagem com o significado de seu nome, podemos notar que, nesse momento em que é nomeada por seu primeiro nome entende-se como um momento de reflexão, de intimidade em que ela sente compaixão consigo mesma. Em relação à personagem bíblica, as duas se assemelham por serem mulheres transgressoras.

Com relação ao sobrenome da personagem, a palavra “Algrave” é composta pelo prefixo “al” e o adjetivo “grave”. O prefixo “al”, tem origem na língua árabe e se refere ao artigo definido “a ou o”, já o adjetivo “grave” possui alguns significados, entre eles podemos destacar: sério e severo. Diante disso, a palavra “Algrave”, significa “a grave, a severa” o que ao ser relacionado com a personagem, diz muito sobre sua personalidade forte, moralista e seu caráter repressivo que ela tinha durante boa parte da narrativa, porém houve uma mudança na sua maneira de encarar a vida. Na noite de sábado, Ruth leu um pouco do jornal e, pela janela, via o luar. Seus pensamentos começaram a fluir fazendo surgir questionamentos sobre o fato de ela viver sozinha, sem companhia nenhuma:

Suspirou muito porque era difícil viver só. A solidão a esmagava. Terrível não ter uma só pessoa para conversar. Era a criatura mais solitária que conhecia. Até Mrs. Cabot tinha um gato. Ruth Algrave não tinha bicho nenhum: eram bestiais demais para o seu gosto. Nem tinha televisão. Por dois motivos: faltava-lhe dinheiro e não queria ficar vendo as imoralidades que apareciam na tela [...] A falta de vergonha estava no ar [...] Mas ninguém a tocava jamais, pensou. Ficava curtindo a solidão (LISPECTOR, 1974 p. 18-19).

Este momento da narrativa demonstra que a personagem começava a perceber que se sentia solitária e sozinha em relação às outras pessoas. De acordo com Barros (2007), todo ser humano necessita manter contato com os seus semelhantes seja por meio da conversação, seja pela simples companhia ou demonstração de afeto. Por conta dos avanços tecnológicos e de suas rotinas atarefadas, cada vez mais as pessoas estão se isolando mesmo estando rodeados de pessoas. Nós mesmos nos isolamos, como é o caso da personagem que, ao se sentir sozinha, elabora meios para tentar acabar com a solidão constante, como: arrumar um animal de estimação ou comprar uma televisão, porém, ela mesma descarta por achar que estas coisas não condizem com sua maneira de viver e acaba optando por continuar sozinha, isolada e reprimida.

3 A história de Rute é muito conhecida entre os cristãos, ela aparece como personagem principal do livro do Antigo Testamento que leva seu nome. É conhecida também, por sua parceria com Noemi, sua sogra, e seu casamento com Boaz, o que a tornou uma ancestral do rei Davi e, principalmente, sido mencionada na genealogia do próprio Messias.

Conforme a noite passava, Ruth permanecia em seu quarto refletindo sobre a vida, sobre a solidão que a atormentava. Em meio a esses pensamentos, Miss Algrave continuava a observar a luz do luar que entrava pela sua janela e também o arrulhar dos pombos que vinham todas as noites visitá-la. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), os pombos possuem várias simbologias para as mais diversas culturas e religiões. Para as religiões cristãs, a pomba representa o Espírito Santo e por isso esses animais são vistos como mensageiros, como símbolos da paz, harmonia, felicidade recuperada entre outros. Ao associarmos esses significados com a personagem e também com o atual momento de reflexão em que ela estava vivenciando, podemos perceber que a presença dessas aves simboliza o momento de harmonia em que Ruth teve consigo mesma ao confrontar sua solidão e também podemos interpretar a visita dessas aves como um sinal de algo estava prestes a mudar em sua vida.

Outras simbologias que podemos destacar aqui sobre os pombos, apresentadas pelos autores Chevalier e Gheerbrant (2009), dizem respeito ao fato de que esses animais alados representam a sublimação do instinto e, especificamente, do eros. Eles também estão presentes na mitologia greco-romana, são relacionados à Deusa Afrodite e representam o amor, a realização amorosa que o amante oferece ao objeto de seu desejo. Ao associarmos esses outros significados com a personagem, podemos perceber também que a presença dessas aves em seu quarto simboliza a exaltação dos desejos de Ruth, trazendo sensualidade e compondo a atmosfera erótica do ambiente antecedendo um encontro amoroso que se iniciará em instantes como podemos ver na passagem a seguir:

Estava assim deitada na cama com a sua solidão. O embora.
 Foi então que aconteceu.
 Sentiu que pela janela entrava uma coisa que não era um pombo. Teve medo. Falou
 bem alto:
 – Quem é?
 E a resposta veio em forma de vento:
 – Eu sou um eu.
 – Quem é você? perguntou trêmula.
 – Vim de Saturno para amar você.
 – Mas eu não estou vendo ninguém! gritou.
 – O que importa é que você está me sentindo.
 E sentia-o mesmo. Teve um frisson eletrônico.
 – Como é que você se chama? perguntou com medo.
 – Pouco importa.
 – Mas quero chamar seu nome!
 – Chame-me de Ixtlan (LISPECTOR, 1974, p. 20).

A personagem foi surpreendida por esse visitante inesperado, vindo de Saturno chamado Ixtlan que adentrou seu quarto em forma de “vento” exclusivamente para amá-la. De início, ela não pôde vê-lo nitidamente, apenas o sentiu, depois é que pôde observá-lo melhor.

O ser de Saturno era branco e pequeno, usava vestes roxas e em sua cabeça havia cobras entrelaçadas, eles se entendiam em sânscrito. A cor roxa presente na roupa de Ixtlan possui algumas representações como magia, mistério e espiritualidade. Por remeter ao campo espiritual, esta cor estimula e proporciona a purificação do corpo e mente e também a criatividade, é conhecida como a coloração da transformação. É bastante simbólico para a personagem seu amante vir trajado com esta cor justamente num momento em que Ruth está em processo de transformação. As cobras que este ser de Saturno traz em sua cabeça estão representando o sexo masculino.

Ao analisar essa passagem, percebemos que Miss Algrave finalmente encontrou uma maneira para lidar com a solidão, que foi utilizar-se da imaginação e da fantasia para criar um parceiro sexual. Para utilizar tais recursos de maneira mais realista, ela se valeu da ação masturbatória. Dolto (1998, p.191) diz que: “Usa-se o termo masturbatório quando o sexo, em sua localização fisiológica, está em jogo na fantasia; é o objeto parcial necessário para representar uma atividade de prazer [...]”. Por mais que tenha sido uma relação fantasiosa, para Ruth o ato sexual aconteceu de verdade e foi tão intenso que seu corpo reagiu deixando seus lençóis manchados de sangue representando a perda de sua virgindade e sua iniciação na vida sexual.

De acordo com o estudo de Laqueur (2007), a prática da masturbação foi se transformando socialmente e ganhando diversos significados ao longo do tempo. Antes, essa prática era vista como pecado porque, ao realizar o ato, a pessoa que a praticasse, principalmente a do sexo masculino, estava contrariando as leis naturais da vida que eram procriar. Assim, dentro do imaginário cristão, a prática do sexo solitário, além de ser considerada um ato pecaminoso, era vista também como prejudicial à saúde. Por isso, foi proibida durante muitos anos. Apenas a partir dos anos de 1960, que os discursos relacionados à masturbação mudaram e essa prática se tornou fundamental para que o indivíduo explore sua sexualidade, como podemos observar na citação abaixo:

[...] luego de la década de 1960, la masturbación ha cambiado de muchas formas y se la ha considerado un acto de liberación individual, una proclamación de autonomía, una afirmación del placer por uno mismo [...], una práctica en el cuidado del yo, una jugada y una contrajugada en la política sexual y general de la época, un tema para la pintura y las artes performativas, una parte profundamente interesante de la experiencia erótica humana como un signo de abyección o de triunfo (LAQUEUR, 2007, p. 423).

Ao praticar esse ato, Miss Algrave conseguiu, além de atingir seu prazer sexual, proclamar sua autonomia e se libertar da sua repressão que lhe causava infelicidade e solidão.

A partir desse momento, Ruth se reconhecia como uma nova mulher, dona de si e, o mais importante, estava mais feliz do que antes: “Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era bom demais. Tinha medo que acabasse. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado”. (LISPECTOR, 1974 p. 21). Em meio ao clímax de sua relação fantasiosa com Ixtlan, Miss Algrave queria que aquilo nunca tivesse um fim e perguntou ao seu amante quando iria vê-lo novamente e ele a respondeu que voltaria na próxima lua cheia. Depois que o ser de Saturno foi embora, ela chorou de tristeza e guardou a única prova de que tudo o que aconteceu nessa noite foi real: as manchas de sangue no lençol que poderia mostrar a quem não acreditasse em sua história.

As manchas de sangue que foram resultado do encontro com Ixtlan simbolizam para a personagem a perda da virgindade. O fato de ela querer mostrar a todos essas marcas aponta para a ideia de valorização da virgindade que a sociedade por muito tempo impunha para as mulheres. Era comum que, ao casarem, o marido expusesse para a família essas manchas a fim de provar que sua esposa era pura e que, a partir daquele dia, se tornou uma mulher. Isso nos revela que Ruth, por conta de sua personalidade conservadora, tinha arraigado em seu interior que era preciso realizar o ato sexual com um homem para se tornar uma mulher.

A experiência que a personagem vivenciou com o ser de saturno foi bastante significativa e transformadora em sua vida. No domingo, o dia posterior a esse encontro, Ruth já não seguia mais com sua vida conservadora, ela decidiu que não ia escrever mais cartas protestando sobre tudo como fazia antes, como podemos observar no trecho abaixo:

Ela o amava e ia esperar ardentemente pela nova lua cheia. Não quis tomar banho para não tirar de si o gosto de Ixtlan. Com ele não fora pecado e sim uma delícia. Não queria mais escrever nenhuma carta de protesto: não protestava mais. E não foi à igreja. Era mulher realizada. Tinha marido (LISPECTOR, 1974, p. 22).

Para a personagem, naquele momento, a aparição de Ixtlan lhe proporcionou a realização pessoal, que era ter um marido. Por isso, não associou sua relação com o pecado e passou a fazer coisas que antes julgava erradas e imorais:

Como era bom viver. Como era bom comer carne sangrenta. Como era bom tomar vinho italiano bem adstringente, meio amargando e restringindo a língua. Era agora imprópria para menores de dezoito anos. E se deleitava, babava-se de gosto nisso (LISPECTOR, 1974, p. 23).

Foi libertador para ela ter vivenciado essa experiência justamente no momento em que se questionava sobre sua solidão, porque, a partir daí, esse sentimento não era mais negativo, pois ela não se sentia mais sozinha e sem companhia. Agora era uma mulher feliz.

Ixtlan foi essencial para que Miss Algrave explorasse sua sexualidade até então reprimida. Ela o via como marido, mas, diante de todos aqueles anos se privando dos prazeres carnavais, Ruth necessitava dissipar todos os seus desejos que agora fluíam involuntariamente. Então, decidiu não esperar a próxima lua cheia para se encontrar com Ixtlan, resolveu ir atrás de outros parceiros para satisfazê-la:

Sim. Mas fez uma coisa que era traição. Ixtlan a compreenderia e perdoaria. Afinal de contas, a pessoa tinha que dar um jeito, não tinha?

Foi o seguinte: não aguentando mais, encaminhou-se para o *Picadilly Circle* e achegou-se a um homem cabeludo. Levou-o ao seu quarto. Disse-lhe que não precisava pagar. Mas ele fez questão e antes de ir embora deixou na mesa de cabeceira uma libra inteira! Bem que estava precisada de dinheiro. Ficou furiosa, porém, quando ele não quis acreditar na sua história. Mostrou-lhe quase até o nariz, o lençol manchado de sangue. Ele riu-se dela (LISPECTOR, 1974, p. 23-24).

Para encontrar outros parceiros para se satisfazer, Ruth se dirigiu a *Picadilly Circle*, que ironicamente era o local pelo qual ela mais tinha repulsa, por causa dos casais e prostitutas que o frequentavam. A partir desse segundo encontro amoroso, ela transformou de vez a sua vida:

Na segunda-feira de manhã resolveu-se: não ia mais trabalhar como dactilógrafa, tinha outros dons. Mr. Clairson que se danasse. Ia era ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto. Como era boa de cama, pagar-lhe-iam muito bem. Poderia beber vinho italiano todos os dias. Tinha vontade de comprar um vestido vermelho com o dinheiro que o cabeludo lhe deixara. Soltara os cabelos bastos que eram uma beleza de ruivos. Ela parecia um uivo. Aprendera que valia muito. (LISPECTOR, 1974, p. 24)

Segundo Oliveira (2012), Ixtlan é um parceiro imaginário, fantasmagórico que concedeu a Ruth a possibilidade de conhecer a si mesma. Antes da chegada desse parceiro sobrenatural, ela se sentia sozinha e ao conhecê-lo percebeu que para ser feliz não precisaria ter um único homem, mas vários se transformando em uma mulher livre que pode ter quantos amantes quiser e quando quiser sem se prender ao casamento ou viver à sombra da culpa. Por fim, para esse autor, Ixtlan propiciou que ela atentasse para a voz do seu próprio corpo, para o afloramento de sua experiência erótica culminada pela transgressão.

3.2 A moça tecelã: a aprendiz de ser solitária

Marina Colasanti, além de ser uma escritora de renome, atuou como jornalista, publicitária, artista plástica, tradutora e também ativista dos direitos das mulheres. Como escritora, ganhou vários prêmios importantes de literatura, suas obras, assim como as de Clarice Lispector, são centradas em temáticas que evidenciam o feminino e também a sociedade.

Inicialmente publicado na coletânea de contos “Doze reis e um labirinto de vento” (1982), “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, se tornou um clássico da autora, sendo relançado em outras duas obras: “Um espinho de marfim e outras histórias” (1999) e em “A moça tecelã” (2004), que, ao ser republicado, ganhou várias ilustrações de algumas peças de renda feitas por um grupo de rendeiras brasileiras.

Nesse conto, assim como em “Miss Algrave”, a personagem é uma mulher solteira e solitária que, no decorrer da narrativa, se mostra transgressora e à frente de seu tempo. O texto narra a história de uma moça que não tem seu nome revelado, apenas sabemos sobre sua profissão que é tecelã. Acreditamos que o fato de a personagem não ter um nome específico demonstra que ela representa as muitas mulheres que vivenciam ou vivenciaram histórias parecidas com ela na vida real. De início, percebemos que a jovem mora num lugar calmo e que sua única ocupação é se dedicar ao tear, como podemos ver no trecho a seguir: “Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear” (COLASANTI, 1999, p.7). A história é narrada em terceira pessoa, os personagens principais são a tecelã, seu tear e também o marido que ela “tece” ao longo da narrativa.

No decorrer da narrativa, percebemos como a relação entre a tecelã, o seu tear e a natureza são bem marcantes e significativos na história, todos estão em plena sintonia. A moça, ao se sentar no tear, usava as linhas de acordo com seu humor e o clima:

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava. Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela. Mas, se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados para que o sol voltasse a acalmar a natureza. (COLASANTI, 1999, p. 7).

Assim, tecendo sem fim, a moça passava seus dias dedicando-se exclusivamente ao tear. Tudo que a tecelã precisava, conseguia através de seu trabalho. De acordo com Santos (2014), o tear representado na narrativa é associado ao destino humano, no qual a moça tece seu dia a dia de solidão plena e prazerosa, sua sobrevivência é tecida no tear. É evidente que ela é independente e que adora viver só, realizando suas atividades, porém, com o tempo, ela se sentiu sozinha: “Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. Mas, tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao lado” (COLASANTI, 1999 p. 7). Mesmo tendo tudo o que

quisesse, a moça percebeu que lhe faltava algo, por isso resolveu criar um companheiro para fugir da solidão que começava a atormentá-la.

Para Dolto (1998), a solidão é um sentimento presente no ser humano desde o seu nascimento e pode ser encarado de maneira negativa ou positiva dependendo de pessoa para pessoa. A tecelã sempre foi solitária, mas essa solidão até então não lhe incomodava, ela se sentia feliz e completa, tendo como companhia seu tear e a natureza que a cercava. A solidão dela não era imobilizadora, mas criativa. A tecelã era uma artista que precisa da solidão para impulsionar o próprio fazer artístico. Porém, com o passar do tempo, perceber-se sozinha ficou insuportável, por isso a jovem decidiu criar um parceiro para tentar suprir esse sentimento e também para que ele pudesse compartilhar com ela bons momentos. E assim, a moça fez. Com entusiasmo e dedicação, foi criando aquele que iria ser seu companheiro e, possivelmente, viria para preencher a solidão:

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta. Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida (COLASANTI, 1999, p. 7).

Por muito tempo, as mulheres eram induzidas a procurarem um bom casamento com homens perfeitos como os príncipes descritos nos contos de fadas. Como podemos ver na citação acima, a moça criou seu companheiro aos moldes desse perfil de homem e para ela, nesse momento da narrativa, arranjar um marido acabaria com sua solidão. De acordo com Barros (2007), em algumas situações, os indivíduos buscam no outro um porto seguro para se sentir vivo como podemos observar na citação abaixo:

Algumas situações de separação e solidão são vividas de forma aguda por pessoas que buscam no outro um olhar reasegurador da própria existência. Para elas, o outro não é apenas uma companhia, mas alguém do qual dependem para sentirem-se inteiros e vivos. Nesses casos, a solidão apavora, ameaça e desorganiza, podendo propiciar depressões. São casos em que a solidão se funde com a dor, e o indivíduo experimenta o mais profundo desamparo, estando aprisionado na concretude da falta (BARROS, 2007, p.268-269).

Para a personagem, a criação de seu marido serviria como uma maneira dela preencher a falta de companhia que vinha sentindo. Porém, com o tempo, perceberá que essa relação se tornará tóxica, pois a tecelã depositou em seu marido todos os seus sentimentos e expectativas tornando-se dependente emocionalmente em relação a ele, fazendo todos os seus caprichos. A

solidão vivida por ela, até antes da criação de seu parceiro, era sadia mas com essa dependência se tornará ameaçadora e desorganizará sua vida.

Com a chegada do marido, a moça se sentiu feliz e a solidão não lhe feria tanto, pelo menos durante alguns dias, ela até pensava em aumentar sua família. Mas seu companheiro não compartilhava desse pensamento, ele percebeu que a tecelã tinha um tear mágico e começou, aos poucos, a lhe fazer exigências, queria que a moça fizesse um grande palácio, banquetes entre outros:

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira (COLASANTI, 1999, p. 7-8).

Por causa das exigências impostas pelo marido, a tecelã, não tinha mais tempo para se dedicar ao que tanto amava, tecer de forma prazerosa, agora a moça o fazia apenas para satisfazer o companheiro que cada vez mais lhe aprisionava e lhe dava tarefas a todo momento. A tecelã era uma artista e, para explorar sua criatividade, precisava de um tempo para aprimorar seu dom artístico. Acerca desse cenário de perda da liberdade para o fazer criativo, Barros (2007) diz que:

Em um cenário de perda progressiva de liberdade, o homem vem-se tornando marionete, sob o comando de um padrão patológico imposto à sua existência. Aos poucos, o espaço para a construção de uma produção coletiva se restringe, como, por exemplo, a produção artística. Esta exige tempo, continuidade, paciência e disciplina, e sempre cumpriu um papel importante no funcionamento físico e emocional, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade criativa e o proveito das próximas gerações (BARROS, 2007, p.267).

Com tantas exigências feitas, a tecelã não tinha tempo para mais nada, a não ser para acatar as ordens feitas por seu marido tornando-se marionete dele. A sua criatividade ficava em segundo plano. No começo da narrativa, vimos que ela, seu tear e a natureza estavam em total sintonia, mas, com a chegada do seu parceiro, essa sintonia se desfez e a moça começou a se sentir triste novamente porque sua solidão se transformou em algo patológico, ruim e desgastante ainda mais do que ela sentia antes do companheiro. Após passar por essa situação, a tecelã percebeu que essa relação não lhe fazia bem e refletiu como sua vida era melhor antes de ter marido como podemos observar no fragmento a seguir:

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E, tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo (COLASANTI, 1999, p. 8).

Os dois viviam num relacionamento em que o homem tinha total dominação sobre a mulher. O marido foi induzindo, só para agradá-lo, a tecelã a fazer coisas que ela não queria e ainda a proibia de contar para as outras pessoas o poder que seu tear possuía. Quando ela terminou de tecer o palácio, em meio a tantos cômodos, ele cedeu para ela a torre mais alta para que a moça ficasse isolada de todos. Esse é o modelo dos casamentos de antigamente que hoje ainda persistem, a dominação exercida pelo masculino sobre o feminino ocorre em várias instâncias e no casamento não seria diferente como afirma Amorim (1992):

Espera-se que a mulher, pelo casamento, a tudo renuncie. Disso resulta que a união, fecunda e bela porque alicerçada na mútua capacidade de ceder, transforme-se numa troca desigual em que a mulher, em consonância com as injunções culturais, cede ao desejo interior de autonomia em proveito da posição social conferida pelo casamento, mesmo que essa posição implique em assumir o papel de apêndice e prolongado (AMORIM, 1992, p. 59).

Na maioria dos casamentos, é esperado que a mulher tenha essa postura de submissão, mas a tecelã não compactuava com essa ideia. Para ela, a relação entre marido e mulher deveria ser de união e companheirismo, por isso, ela se entristeceu novamente porque percebeu que naquela relação em que estava vivendo o homem queria apenas tirar sua liberdade e usufruir dos seus bens. Neste momento, a moça percebeu que a vida que vivia antes da chegada dele era muito mais prazerosa e entendeu que não precisava de uma companhia masculina, o que ela tinha ao seu redor era suficiente. Com a mesma dedicação de quando criou o parceiro, colocou seu tear ao contrário e começou a destecer o marido junto com os palácios e torres que havia feito para ele e, ao terminar, entrou em sintonia novamente com seu tear e a natureza.

A partir da leitura desse conto, podemos observar uma crítica ao casamento que, como ressalta Santos (2014), é muitas vezes o fim da liberdade da mulher que passa a se dedicar a um cotidiano árduo de cuidados com a casa, marido, filhos, entre outros, além de suas atividades profissionais que exercem fora de casa. Muitas dessas mulheres são desvalorizadas e preferem muito mais a vida solitária à de casadas e infelizes, como é o caso da personagem principal do conto, que desteceu o marido por não ter mais a liberdade e a felicidade que tinha quando não vivia sob o jugo masculino.

4. A solidão nem é fera nem devora: considerações finais

Ao longo dos anos, vemos como as mulheres, principalmente as solteiras, vêm sendo julgadas e oprimidas por não seguirem o padrão ideal imposto por nossa sociedade patriarcal que diz que elas devem ser mães e esposas. Diante dessa realidade, a solidão é encarada como

algo negativo e até em alguns casos associada a patologias que, para essa sociedade, seria facilmente extinguida (erroneamente) através da busca por parceiros. A solidão é inerente ao indivíduo, todo ser humano irá senti-la em algum momento de sua vida. Ter a consciência de que passaremos por esses momentos faz com que, em algumas situações, encaremos a solidão como ruim porque perdura no imaginário social a ideia de que só nos sentiremos realizados se tivermos a companhia de alguém, por isso, estamos sempre buscando meios para evitar a solidão quando, na verdade, deveríamos aprender a conviver com ela de maneira positiva, como base para o processo de crescimento pessoal.

A partir da análise dos contos “Miss Algrave”, de Clarice Lispector, e “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, percebemos que as narrativas apresentam personagens femininas solitárias como protagonistas. O primeiro conto mencionado aborda a história de Ruth Algrave, uma mulher solteira que possui uma personalidade conservadora e autorepressiva. No decorrer da narrativa, vimos que Ruth tem um momento de reflexão em que se questiona sobre não ter nenhuma companhia. Até então, para ela, ser e viver sozinha lhe despertava sentimentos ruins.

O segundo conto narra a história de uma tecelã que reside em uma casa de campo. Ao contrário de Ruth, a tecelã não precisava de uma companhia, já que tinha o seu tear e a natureza que a rodeava como companhias. Porém, ao refletir sobre sua vida, assim como Ruth Algrave, sentiu a necessidade de ter alguém. A tecelã, ao perceber-se solitária, não se sentiu infeliz como Ruth e, sim, feliz, pois ela encarava sua solidão como positiva e se sentia bem consigo mesma. Por isso, acreditava que a futura companhia viria para conviver com ela em harmonia.

As duas personagens passaram pelo mesmo processo de reflexão sobre suas vidas. Ao realizar esse movimento de autoavaliação, entraram em contato com seus medos, frustrações e até alegrias mais íntimos. Elas se desnudaram diante de si mesmas para poderem, então, lidar com a solidão que as ameaçava. Acerca dessa experiência de confronto com a solidão, Enriquez; Takeut (2013) dizem que:

A solidão remete cada um à sua interioridade, à experiência de seus “abismos íntimos”; ela provoca um questionamento a respeito das capacidades relacionais dos indivíduos e do lugar que desejam ocupar no corpo social. Ela é um fermento do pensamento, uma vez que desnuda as limitações sociais, submetendo-as a críticas. Favorece a singularidade, e de maneira aparentemente contraditória, favorece a possibilidade de desenvolver ações coletivas (ENRIQUEZ; TAKEUT, 2013, p. 29).

Essa experiência de desnudamento de si incentivou Ruth e a tecelã a desenvolverem suas habilidades criativas, ambas usaram a imaginação para criar seus parceiros a fim de lidar

com a solidão. Uma valeu-se da masturbação, já a outra recorreu seu ao tear mágico para materializar seus companheiros. Embora as duas tenham feito uso do mesmo princípio, as experiências vividas por elas foram distintas. Para Ruth, Ixtlan desempenhou o papel de agente transformador de sua vida. Antes, ela reprimia seus sentimentos e desejos, o que a deixava amarga, infeliz e deslocada do ambiente em que vivia, mas, com a chegada de Ixtlan, se sentiu realizada e passou a fazer coisas que jamais imaginou fazer, como sair com vários homens sem se prender ao desejo de casamento ou a regras sociais. Tornou-se dona de si e de sua vida.

Para a tecelã, o seu parceiro não atingiu suas expectativas, a moça esperava que ele a amasse e que os dois pudessem viver em harmonia e assim viveram por um pequeno período de tempo. No decorrer da narrativa, seu companheiro, ao descobrir que o tear dela era mágico, fez várias exigências como a criação de palácios, estribarias e até uma torre para que a tecelã ficasse pressa lá e não revelasse a ninguém sobre os poderes do tear. Devido a essas exigências, a moça tecelã não tinha mais tempo para nada a não ser realizar os caprichos do marido, o que ocasionou na desarmonia dela com a natureza. Ao perceber-se deslocada de sua vida por causa de sua nova companhia, a tecelã teve outro momento de reflexão e, mais uma vez, se sentiu sozinha, porém, dessa segunda vez, a solidão não lhe era positiva. Houve uma quebra de expectativas da personagem. Ao se decepcionar com seu parceiro, reconheceu que antes ela era uma mulher completa e que não era necessário se casar para acabar com sua solidão, por isso desfez o marido que tinha criado e voltou com a sua rotina de antes.

Diante disso, pudemos perceber que as personagens, ao passarem por esse processo de autoavaliação e ressignificação da solidão, puderam, então, tomar as rédeas de suas vidas sem se prender às regras sociais que lhes impunham que deveriam casar. Ambas puderam apropriar-se de si. Para Seibt (2013): “Apropriar-se de si significa retomar para si a capacidade de escolher e de ser responsável pela vida, pela existência. Viver a própria vida, com os outros, mas mantendo a capacidade de diferenciar-se diante da força niveladora da cotidianidade”(SEIBT, 2013, p.100). As personagens perceberam que, mesmo convivendo com outras pessoas, é essencial conhecer a si mesma e assim transcender perante a sociedade opressora em que vivem.

Assim, concluímos que os contos “Miss Algrave”, de Clarice Lispector, e “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, ao serem protagonizados por duas mulheres solteiras e solitárias, contribuem para mostrar como nossa sociedade é opressora e preconceituosa e induz principalmente as mulheres a acreditarem que seus destinos são exclusivamente casar-se e ser mães. As mulheres que transgridem essas imposições são estigmatizadas. Diante dessa

opressão, falar sobre solidão acaba se tornando um tabu, há mulheres, como as protagonistas dos referidos contos, que subvertem as regras sociais e conseguem lidar com essas barreiras impostas pela sociedade escolhendo ser o que elas quiserem sem ter medo de errar.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Nádya Fernanda Maria de. **Mulher solteira**: do estigma à construção de uma nova identidade. EDUFAL, Maceió. 1992.

BARROS, Telma. **Solidão, desamparo e criatividade**. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Psicanálise v.9, n. 1, p. 265-282.2007

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. Brasiliense S.A, São Paulo. 1984.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva e et. al. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009

COLASANTI, Marina. **Um Espinho de Marfim e outras histórias**. L & PM, 1999.

_____. **Biografia**. Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>
Acessado em: 15/03/2021.

CONEGERO, Daniel. **A história de Rute na Bíblia**. Estilo adoração. Disponível em: <https://estiloadoracao.com/historia-de-rute-na-biblia/> Acessado em: 18/04/2021.

COR ROXA, Significado da. **Significados**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cor-roxa/> Acessado em: 10/06/2021.

DOLTO, Françoise. **Solidão**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENRIQUEZ, E.; TAKEUTI, R. TÉCNICA DE N. M. **Da solidão imposta a uma solidão solidária**. Revista Cronos, v. 5, n. 1/2, 10 jan. 2013.

GRAVE, Significado de grave. Dicionário do Português Online. Léxico. Disponível em: <https://www.lexico.pt/grave/> Acessado em: 21/04/2021.

LAQUEUR, Thomas W. **Sexo solitário**: una historia cultural de la masturbación. -1ª ed. - Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro. Editora Arte nova s.a, 1974.

LUA, Significado da. **Dicionário de símbolos**. Significado dos símbolos e simbologias. 2008 Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/lua/> Acesso em:10/01/2020.

MAIA, Cláudia. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral- Minas Gerais (1890-1948). Ilha de Santa Catarina. Editora Mulheres, 2011.

MORENO, Cláudio. **Por que há tantas palavras de origem árabe que começam com “al”?** A influência do árabe na nossa língua é enorme. Super Interessante. 18 abril de 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-algumas-palavras-da-lingua-portuguesa-se-parecem-com-o-arabe/> Acessado em: 18/04/2021.

OLIVEIRA, Ricardo. **Figurações Celibatárias**. Revista Criação & Crítica, n. 8, p. 47-55, 15 abr. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46841> Acessado em: 26/03/2021.

PERROT. Michelle. **Minha história de mulheres**. [Tradução Angela M. S. Côrrea]. — São Paulo; Contexto, 2007.

POMBO, Simbologia dos pombos. Lefrontal. 13 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.lefrontal.com/pt/simbologia-do-pombo> Acessado em: 18/04/2021.

SANTOS, Rosana de Jesus dos. **As representações sobre as mulheres na escrita de Marina Colasanti**. Artigo científico. 2014. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(248\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(248).pdf) Acessado em: 26/03/2021.

SEIBT, Cezar Luís. **Solidão como processo de educação e de apropriação de si**. Acta Scientiarum. Education, vol. 35, núm. 1, enero-junio, 2013, p. 97-103 Universidade Estadual

de Maringá Paraná, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=303326113011> Acessado em: 24/04/2021.

VIAJONÁRIOS. **Piccadilly Circus**: a praça mais iluminada de Londres. Viajónários, 2016. Disponível em: <https://www.viajonarios.com.br/piccadilly-circus-praca-mais-iluminada-de-londres/> Acessado em: 10/01/2020.